

# Educando as emoções sem medo: o papel do Cinema

*As emoções das pessoas não podem ser deixadas de lado na hora de educar, mas como lidar com elas e inseri-las no plano da educação? O cinema pode ser o elemento que procuramos...*





Educar com o Cinema é tema que me tem acompanhado nos últimos anos. Tive ocasião de escrever artigos, publicar livros, dar conferências em congressos internacionais, apresentar-me em programas de TV. E, em quase todos os cenários, a pergunta que surge é similar: “Você não é médico? E isto do cinema, como se encaixa na sua vida?”. A pergunta procede e, até tal ponto, que mesmo quando não a fazem eu mesmo a coloco e respondo. Afinal, é necessário justificar o tempo que se dedica a um trabalho que já ultrapassou de longe as proporções de um simples *hobby*.

O Cinema é um recurso eficaz para fazer pensar. Estudantes e médicos, profissionais da saúde, são convidados através desta metodologia a refletir sobre as suas atitudes. E o resultado é que a reflexão surge como o verdadeiro núcleo do processo humanizante. De modo talvez excessivamente simples, pode-se dizer que humanizar é, em primeiro lugar, lembrar ao médico que ele, médico, é um ser humano, e que o paciente também o é. Algo evidente, embora esquecido com muita frequência. Se o cinema nos ajuda a pensar e a refletir sobre as coisas essenciais da vida, converte-se em recurso educacional de valor para formar pessoas e, naturalmente, melhorar a formação dos médicos.

Mas isto que funciona para os médicos, não funcionaria para qualquer pessoa? Claro que sim. O que se iniciou como uma necessidade docente específica – trazer os estudantes de medicina para o lado humano do enfermo – amplia suas possibilidades educacionais com enorme espectro. A razão é simples: o universo da afetividade vem assumindo um crescente papel de protagonista no mundo

da educação. As emoções do aluno não podem ser ignoradas neste processo. Cabe ao educador contemplá-las e utilizá-las como verdadeira porta de entrada para compreender o universo do estudante. Formar o ser humano requer educar sua afetividade, trabalhar com as emoções. Como fazer isto de modo ágil, moderno, compreensível, eficaz? O Cinema mostra-se particularmente útil na educação afetiva, por sintonizar com o universo do estudante onde impera uma cultura da emoção e da imagem. Professores, estudantes, líderes empresariais, educadores familiares, agentes sociais, recursos humanos e todos os que têm a gestão de pessoas como objetivo profissional podem encontrar uma metodologia simples, acessível e divertida para aperfeiçoar seu desempenho. Onde há pessoas querendo melhorar e alguém querendo educar, o cinema tem vez.

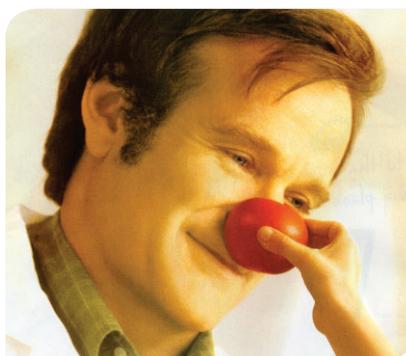
### **Sentimentos e Aprendizado: as bases da motivação eficaz**

Todos sabemos, porque o comprovamos inúmeras vezes nos outros e de modo convincente em nós mesmos, que o progresso formativo não vem determinado apenas pelo que se conhece e pelo que se faz, mas

pelo modo como se conhece e como se executa. Os sentimentos promovem uma ponte entre o que se conhece – a idéia, o conceito, situado no âmbito do cognitivo – e o que se quer, o que se executa, situado no âmbito da vontade. É experiência universal que não basta saber as coisas para executá-las, é preciso querer fazê-lo, e esse querer vai além da simples imposição da vontade. É uma questão de motivação.

Os sentimentos, de algum modo, personalizam o conhecer, revestem o conhecimento com roupagem pessoal, e facilitam o querer – a execução – porque são as bases da motivação. Uma coisa são as idéias e conceitos, outra é o que são as *idéias para mim*, qual é o “sabor” que essas idéias têm ao paladar afetivo.

É justamente no âmbito afetivo onde o personalismo se impõe como condição eficaz de aprendizado e assimilação de atitudes. Explicamos. Não deve haver muita diferença em expor os conceitos da física quântica, da astronomia, ou da fisiopatologia do câncer gástrico de modo objetivo, ou levando em conta os sentimentos, que dificilmente modificarão as informações científicas. Mas, quando se trata de promover atitudes, tomar decisões, provocar a reflexão,



**“O Cinema é um recurso eficaz para fazer pensar.”**

Imagem do filme Patch Adams.





**“O Cinema mostra-se particularmente útil na educação afetiva, por sintonizar com o universo do estudante onde impera uma cultura da emoção e da imagem.”**

estimular a conduta ética, construir, enfim, a personalidade, não é em absoluto equivalente enunciar os princípios do bem agir – a modo de manual de boas maneiras – ou levar em consideração “o sabor desses princípios” e tentar torná-los palatáveis.

Os sentimentos são, pois, como o tempero que facilita a ingestão do alimento, conferindo um toque especial e personalíssimo que faz do comer – por seguir a metáfora – algo que vai muito além da simples nutrição. E os temperos devem ser preparados com alma de artista. A educação da afetividade requer arte de quem educa, criatividade para adaptar-se às necessidades de cada um, ao gosto de cada paladar e que conquista a vontade, a nutre e estimula para que cada um dê o melhor de si. A afetividade modula o conhecimento, dando-lhe um toque pessoal, como um prisma que amplifica, focaliza, dá *zoom*, destaca ou mesmo deforma a rigorosa objetividade dos conceitos e das idéias. Deve-se esperar de quem pretende educar



DIVULGAÇÃO

Imagem do filme O Resgate do Soldado Ryan.

as emoções que entre em sintonia com todo esse mundo subjetivo, que é afinal criação e arte.

O cinema faz refletir, as cenas são verdadeiros questionadores. Lembremos do *Resgate do Soldado Ryan*. Tom Hanks, o capitão, está morrendo. O soldado Ryan inclina-se sobre ele. E o capitão apenas lhe diz; “James, faça por merecer”. 40 anos depois, James Ryan comparece ao cemitério acompanhado da sua família: filhos e netos. Esse é o seu *curriculum vitae*, o que ele andou fazendo nestes anos. E vem prestar contas: “Todos os dias penso no que você me disse naquele dia na ponte. Procurei viver a minha vida do melhor modo possível. Espero que, pelo menos diante dos teus olhos, eu tenha ganhado o que todos vocês fizeram por mim”. E, não satisfeito, procura a avaliação doméstica da sua vida, de que fez por merecer, e convoca a sua mulher e lhe diz: “Diga que a minha vida prestou para algo, que tive uma vida digna”. O capitão – que era na vida civil um professor – educou James Ryan com essa simples frase

– “faça por merecer” – e com o seu exemplo de vida. Para qualquer um que medite nesse contexto, basta lembrar-lhe que faça por merecer, para que tudo venha à tona na cabeça e no coração.

Nos aprendizados da vida, muitas das coisas mais importantes não se transmitem por argumentação, pelo raciocínio lógico especulativo, mas através de outros caminhos que têm a ver com o amor que se coloque no processo de educar, e com a conseqüente educação da afetividade. Nas culturas antigas, o meio principal da educação moral era contar histórias. As artes que contam histórias – teatro, literatura, ópera, cinema – teriam um papel de suprir as experiências que nem todos podem vivenciar: não é o simples divertir, mas provocar sentimentos – alegria, entusiasmo, aprovação, rechaço, condena – que configuram o “coração das gentes”. Este era o papel da tragédia grega. Estas histórias, as tragédias, provocavam a *catarse*, que pode entender-se num duplo sentido. O primeiro, imediato, é a liberação dos sentimentos, como





uma limpeza orgânica, como um purgante. O segundo, muito importante, é que mediante a catarse “colocam-se no seu lugar” todos estes sentimentos acumulados – emoções – que não poucas vezes se armazenam de modo desordenado.

Seria insensatez não contemplar as emoções no processo educacional. E não basta apenas contemplá-las passivamente, é preciso dar vazão a elas, para que possam ir colocando-se no seu lugar. Não é sábio, também, temer as emoções como elemento que pode sabotar o processo formativo. Deve-se chegar a uma postura conciliadora, permitindo que seja a emoção a que cumpra o papel que lhe cabe: ativar o desejo de aprender, motivar o estudante. Só depois é possível, através da racionalidade, colocar os fundamentos conceituais. O educador tem de permitir no espaço formativo o fluir das emoções – através da discussão, de partilhar os sentimentos –, o que abre caminhos para uma verdadeira reconstrução da afetividade.

Este processo requer tato, habilidade, evitar precipitações, promovendo um aprendizado que respeite, de alguma maneira, o ritmo quase fisiológico da emotividade. Não se pode obrigar a ninguém a sentir o que não sente. Pode-se simplesmente mostrar. O tempo e a reflexão sobre as emoções se encarregarão de aprimorar o paladar afetivo.

O cinema é também um modo de entender-se, de exprimir aquilo que a racionalidade levaria muito tempo para explicitar e acabaria resultando até enfadonho. Um comentário de uma conhecida, professora e mãe de família, a respeito de *King Kong*: “Esse é o homem que toda mulher gostaria de ter ao lado!” “Mas como um homem?! – exclamo eu – estamos falando de um gorila!”. E ela continua sorrindo: “Engano seu, meu caro; ele luta por ela, a defende, se bate, se deixa ferir... E aprende dela a delicadeza, os modos, a poesia. E quer somente ela. As outras mulheres que lhe apresentam ele as descarta.” Surpreso pelo comentário, lembrei-me do pensamento do filósofo que diz: “Nada imuniza tanto um homem do universo

**“O cinema faz refletir, as cenas são verdadeiros questionadores.”**

das mulheres, como o amor apaixonado por uma delas.” E, em outra ocasião, quando comenta “a mulher muda o ambiente e o homem como o clima trabalha os vegetais, sem fazer aparentemente nada, formando-o à sua imagem e semelhança”.

## Educação superficial?

Surge a dúvida do possível risco que supõe educar apenas a sensibilidade, ancorar-se na estética e nas emoções, sendo que os outros valores – o bom, o verdadeiro – permanecem como conceitos estranhos, pouco definidos para os jovens. Não seria esta uma educação fictícia, superficial, epidérmica, que não atingiria o núcleo do educando para promover atitudes duradouras e maduras?

Vale esclarecer que a educação através da estética, que atinge as emoções e a sensibilidade, não é uma tentativa de apoiar na emotividade os valores e atitudes que o jovem em formação deve incorporar. Trata-se de suscitar uma reflexão sobre estes mesmos valores e atitudes. É possível incorporar um conhecimento técnico ou mesmo treinar uma habilidade sem refletir sobre eles; mas é impossível adquirir valores, progredir em virtudes, incorporar atitudes, sem um prévio processo de reflexão.



Imagens do filme Billy Elliot.



divulgação





DNVULGAÇÃO

Imagem do filme *O Último Samurai*.

É justamente desencadear este processo de reflexão, mediante recursos próximos ao estudante, o que o se pretende com a estética, da qual o aprendizado através do cinema faz parte. Dito de outro modo: estabelecer um ponto de partida para uma atitude reflexiva, pista de decolagem para futuros aprendizados, sensibilização para ensinamentos posteriores que virão através de conteúdos específicos e, na maior parte das vezes, personalizadas em exemplo.

A cultura do espetáculo privilegia uma representação do mundo concreta, dinâmica, sensitiva e

***“...as artes que contam histórias – teatro, literatura, ópera, cinema – teriam um papel de suprir as experiências que nem todos podem vivenciar.”***

emotiva. As respostas racionais representadas pelo “estou de acordo” ou “discordo” são substituídas por respostas emotivas suscitadas pela imagem: “gosto” ou “não gosto” onde existe uma aceitação ou rejeição visceral, de impacto, sem participação do racional. Com isto não se pretende, em absoluto, dispensar a necessidade do raciocínio para a construção dos conceitos no aprendizado. Apenas se afirma que é preciso passar antes pelas emoções, porque é assim, deste modo, como os estudantes estão habituados a proceder. A emoção é porta de entrada para posteriores construções lógicas. Quem está acostumado a guiar-se pelo sentimento, pela emoção – provocada na maioria das vezes por imagens, externas ou internas – dificilmente aceitará raciocínios lógicos se a emoção não lhe facilita o caminho.

A educação com o cinema arranca desejos profundos do jovem, motiva-o para grandes sonhos, para novos desafios.

Lembro uma ocasião, num congresso de universitários, quando projetávamos a cena da batalha em *O Último Samurai*. Aqueles homens medievais, valentes, enfrentam as modernas metralhadoras, com a coragem e a espada. Mas a atitude de serviço – parece que esse é o motivo de ser dos Samurais: servir – e de chegar até o fim, arranca do inimigo o reconhecimento, a veneração e até a vitória moral. Esse é o modo de promover novos Samurais, mesmo com tecnologia moderna, entre os jovens soldados que ficam atônitos vendo a valentia daqueles no combate. Quando acabou a conferência e os comentários das cenas, antes de sair, um aluno veio até a frente, me segurou pelo braço e me disse com os olhos brilhando: “Professor, eu quero ser um Samurai!”.





Imagens do filme O Céu de Outubro.



Divulgação

Mas tudo isto não será muito perigoso? Não levantará problemas com os quais não saberemos lidar depois? Podemos responder esta pergunta relatando um fato recente acontecido num Congresso Internacional, em Florença, justamente numa oficina ou *workshop* onde apresentamos a metodologia reflexiva que o cinema oferece ao educador. Curiosamente a platéia – mais de 100 pessoas – estava composta integralmente por outros que não latinos: finlandeses, ingleses, alemães, dinamarqueses, noruegueses, belgas, holandeses. Houve um momento de hesitação, antes de apresentar a metodologia e de testá-la com o público mediante a projeção de trechos de filmes e comentários anexos. Advertimos a audiência que o método funcionava em ambientes latinos, mas desconhecíamos como seria com um público de cultura diferente onde a manifestação dos sentimentos também tem sua própria linguagem de expressão. A sessão correu bem, em silêncio profundo e deixavam-se ouvir – mesmo sem a estrondosa componente latina – alguns suspiros emocionados. No final, um professor britânico pediu a palavra:

**“A educação com o cinema arranca desejos profundos do jovem, motiva-o para grandes sonhos, para novos desafios.”**

- Isto que vocês fazem não é muito perigoso!?
  - Sim. Este despertar emoções nos jovens pode trazer à tona graves problemas que estão lá enrustidos. Enquanto me preparava para responder com a maior delicadeza possível, um finlandês levantou a mão e respondeu:
    - Meu caro amigo. Os problemas estão lá e virão à tona, conosco, sem nós ou apesar de nós. Isto funcionará perfeitamente no meu país e na minha universidade.
- Faltou tempo para que outro assistente, um professor da Noruega, comentasse de modo contundente:
- Penso que somente pode ter medo de fazer algo assim quem tem medo das próprias emoções. Não houve necessidade de nenhum esclarecimento da nossa parte. E, confortavelmente, a sessão prolongou-se por mais meia hora, entre comentários e sugestões com sotaques britânico, eslavo e germânico.

Os medos do educador, do pai e mãe de família são os mesmos. “E se o jovem não conclui o que eu quero que ele conclua? Como fica tudo isto?” Na verdade, é bom lembrar que “o problema está aí” e cabe ao educador levantar a lebre. Não adianta colocar uma rolha num vulcão, porque antes ou depois explodirá. O que de melhor se pode fazer é promover a reflexão, para que o jovem se vá construindo. Algo muito próximo ao que o macaco Rafiki faz com Simba, *O Rei Leão*. Simba está na boa vida, e não quer assumir que cresceu. O macaco lhe interroga e lhe pergunta “Quem é você?” E esta pergunta vira do avesso o confortável Hakuna Matata em que Simba vivia, para trazê-lo à realidade. Não são as respostas as que devem vir prontas, fabricadas, mas sim as perguntas, a modo de provocações que o professor, o pai, ou formador deve continuar e serenamente dirigir ao seu interlocutor. A “ficha tem de cair” por si só – para utilizar uma linguagem moderna. E, nesta empreitada de provocar reflexões, o Cinema é um prato cheio, uma oportunidade excelente. •

**Pablo González Blasco**

Médico de família, diretor científico da Sobramfa

